

A transição energética e a indústria chinesa (1)

Luis Adolfo Beckstein (2)

A transição energética não é um fenômeno novo e tem gravitado há muito tempo as políticas de energia de países e empresas. Na última sexta-feira, o Ministério da Indústria e Tecnologia da Informação da China divulgou um novo plano para ditar os rumos do desenvolvimento industrial, dentro de uma matriz verde, limitando as emissões em setores como energia, aço, minerais e produtos químicos. Esse plano visa a reduzir a intensidade de carbono e poluentes, e promover as indústrias verdes até 2025. Nessa nova iniciativa, várias metas são estabelecidas, com destaque para a redução das emissões de dióxido de carbono em 18% e da intensidade energética de suas principais empresas em 13,5% por unidade de produção industrial de valor agregado. Espera-se que esse mercado industrial eco-friendly alcance a cifra de US\$ 1,7 trilhão até 2025.

Apesar de diversas lacunas que precisam ser detalhadas, esse documento avança nos compromissos chineses anunciados, representando mais um passo em uma ampla estratégia de desenvolvimento industrial verde. Assim, neste ano, esse já é o terceiro documento em que a China se compromete com a transformação de sua indústria para um modelo de desenvolvimento verde.

Nos anos vindouros, o protecionismo comercial será cada vez mais indissociável do ambiental. O mundo desenvolvido tende a pressionar fortemente a China e países em desenvolvimento, impondo impostos sobre o carbono e tarifas de importação

O primeiro deles foi o 14º Plano Quinquenal (2021-2025) lançado no início do ano. Desde o 10º Plano Quinquenal (1976- 1985), a China teve uma forte estratégia para desenvolver a indústria pesada, em especial siderurgia e química. Agora, o 14º Plano busca atualizar as indústrias tradicionais, promover a otimização e o ajuste estrutural de matérias-primas, expandir o fornecimento de produtos de alta qualidade e acelerar a transformação de empresas em setores-chave - como aço, metais não ferrosos, química e petroquímica, materiais de construção e celulose - melhorando o chamado “sistema de manufatura verde”.

O segundo ato na mesma toada foi divulgado em outubro deste ano, quando o Departamento de Conservação de Recursos e Proteção Ambiental lançou o “Plano de Ação para o Pico de Dióxido de Carbono Antes de 2030”. Neste documento, a China se comprometeu com o pico de emissões de CO₂ antes do ano de 2030 e em atingir a neutralidade de carbono antes de 2060. Apesar de ser um dos maiores cortes na intensidade das emissões de carbono, o mundo ansiava que a China fosse mais ousada, anunciando a neutralidade até 2050.

O que esses três planos têm em comum é que, pragmaticamente, unem a manutenção da segurança energética com o desenvolvimento do novo, lutando por tempo para realizar a substituição gradual para a nova energia, dando tempo para a sua indústria se preparar para um mundo de baixo carbono. Assim, se por um lado limita o aumento do consumo de carvão no horizonte do plano, por outro busca inovações na indústria fotovoltaica, geração de energia de biomassa e hidrelétrica. O ás na manga é que ela não renega o uso dos combustíveis fósseis. Pelo contrário, busca dar-lhes um uso mais eficiente, de forma a aumentar a competitividade da indústria, por meio da integração de insumos fósseis, em especial o gás natural, a outros recursos energéticos, orientando-os para indústrias-chave, como energia elétrica, aço, metais não ferrosos, materiais de construção e produtos químicos.

Outra iniciativa importante é a busca da modernização da cadeia de abastecimento industrial, unindo segurança e inovação. Nessa seara, destaca-se o estímulo ao avanço do desenvolvimento de novos materiais de alta qualidade, como materiais metálicos, inorgânicos não metálicos avançados, materiais funcionais de terras raras de alta qualidade, aços especiais de alta qualidade, ligas de alto desempenho, materiais de metais raros de alta pureza, cerâmicas e fibras de alto desempenho, como fibra de carbono e aramida.

Nessa estratégia, as empresas são o motor dinâmico da transformação da economia. Por um lado, a inovação tecnológica é fomentada por estímulos ao aumento da governança das empresas, com fusões e reorganizações empresariais - a fim de evitar a sobrecapacidade e plantas ineficientes. Já pelo lado financeiro, as inovações são irrigadas por amplos fundos de investimento industrial e por medidas voltadas a aumentar as garantias de financiamento e a compensação de riscos. Os chamados Fundos de Orientação Industrial atingiram um estoque de US\$ 1,6 trilhão em 2020, sendo que desses, 14% são fundos setoriais destinados a infraestrutura, energia e meio ambiente. Essas medidas visam a assegurar a utilização de tecnologias de ponta que permitam uma produção de baixo carbono. A Agência Internacional de Energia destaca que o uso de materiais leves como o plástico é um caminho importante para uma melhoria significativa na eficiência energética dos veículos. Ademais, enfatiza a importância dos plásticos, a fim de melhorar a eficiência energética de edifícios e construções, destacando que isso teria o potencial de economizar o equivalente ao uso anual de energia das 20 maiores economias do mundo em 2015. O resultado disso é que ao final no período da transição, as empresas chinesas estarão mais fortes e com muito mais condições de competir internacionalmente e exportar seus produtos para todo o mundo.

Enquanto isso, no mesmo dia do lançamento desse terceiro plano, a Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim) divulgou os números de seu relatório anual, onde foi registrado um déficit de mais de US\$ 45 bilhões na balança comercial de produtos químicos, o maior da história. Não restam dúvidas de que nos anos vindouros, o protecionismo comercial será cada vez mais indissociável do ambiental. O mundo desenvolvido, em especial a União Europeia, tende a pressionar fortemente a China - bem como países em desenvolvimento como o Brasil - impondo impostos sobre o carbono e tarifas de importação. Nessa nova guerra comercial, o Brasil não pode prescindir de um plano nacional de descarbonização que leve em conta a competitividade e a inserção da indústria brasileira nas cadeias globais de valor. Há muito a ser feito, mas para isso é necessário que medidas sejam tomadas hoje a fim de garantir um futuro para a indústria brasileira.

- (1) Artigo publicado no Valor Econômico. Disponível em: <https://valor.globo.com/opiniao/coluna/a-transicao-energetica-e-a-industria-chinesa.ghtml>. Acesso em 03 de janeiro de 2022.
- (2) *Luis Adolfo Beckstein é mestre em economia, especialista em análise econômica em óleo e gás e consultor de investimentos.*